

## VIVENDO NA MORTE: A HISTÓRIA DOS VAMPIROS E SEU LUGAR NA CULTURA POPULAR

Iliane Tecchio<sup>1</sup>

**RESUMO.** No encontro da palavra vampiro, imagens de caninos sangrentos, capa preta, e um homem forte, sedutor, com uma risada hedionda e assustadora, imediatamente vêm à mente. Essas imagens convencionais são frutos de inúmeros filmes sobre vampiros exibidos ao longo dos anos, a maioria deles associado com a obra *Drácula* (1897) do escritor irlandês Bram Stoker (1847-1912). Entretanto, apesar da popularidade e da influência desta obra do século XIX, relatos sobre vampirismo datam mais de 1.000 anos antes disso, bem antes de Stoker ter colocado uma caneta sobre o papel. O mito dessas criaturas que levantam a noite para sugar o sangue dos vivos está fortemente enraizado na tradição oriental europeia, mas também tem seu papel de destaque nas culturas antigas como as da Grécia e da China. Este texto apresenta informações sobre como este mito de longa data tem sido interpretado por diferentes culturas ao redor do mundo.

**Palavras-Chave:** Vampiro. Mito. Cultura Vampiresca.

### Living in Death: the vampire's story and its place in the popular culture

**ABSTRACT.** At the meeting of the word vampire images of the bloody fangs, black cape, and a strong man, charming, with a hideous and frightening laugh, immediately come to mind. These conventional images are the results of innumerable movies about vampires displayed over the years, most of them associated with the work *Dracula* (1897) written by the Irish writer Bram Stoker (1847-1912). However, in despite of the popularity and the influence of this work published in the nineteenth century, stories about vampires dates back more than 1.000 years, much longer before Stoker had put a pen on a paper. The myth of these creatures who get up in the night to suck the blood of living is strongly rooted in the Eastern European tradition, but it also has a prominent role in ancient cultures like Greece and China. This text presents dates about explores how this long-standing myth has been interpreted by different cultures around the world.

**Keywords:** Vampire. Myth. Vampire Culture.

## VIVENDO NA MORTE: A HISTÓRIA DOS VAMPIROS E SEU LUGAR NA CULTURA POPULAR

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos da Tradução na UFSC. Professora de língua inglesa do IFAC ó Câmpus Sena Madureira. SC, Brasil. iliane.tecchio@gmail.com

O vampiro é um ser lendário que tem sido temido por pessoas ao redor do mundo por muitos e muitos séculos. Apesar da grande diferença geográfica e temporal de onde surgiram as histórias sobre vampiros, o folclore que o abarca é surpreendentemente uniforme, especialmente em relação aos poderes e as limitações dos mortos-vivos. De acordo com Melton (2003), em cada cultura o vampiro adquiriu características distintas que precisam ser levadas em consideração de acordo com o contexto ambiental. A maioria das descrições sobre ataques destes temidos seres tem origem, principalmente, na Grécia, na China, na Índia, no Leste Europeu e civilizações como a dos sumerianos, dos babilônios, dos indianos e os povos hebreus, maias e astecas conviveram com o fenômeno do Vampirismo. (TORRIGO, 2009, p. 10).

O vampiro é normalmente considerado como sendo aquele que existe no estado de morto-vivo, literalmente um ser reanimado. Algumas tradições descrevem o vampiro como sendo um corpo habitado por uma criatura maligna, outras, como resultado de uma feitiçaria [uma situação dentro dos domínios da magia negra] e ainda outras que descrevem o vampiro como um corpo possuído pela alma que ele tinha em vida. Para Bourre (1986, p. 04), a Europa Central foi, durante muito tempo, o feudo destes senhores da noite, que as antigas religiões caracterizavam como diabos ou demônios. Lecouteux (2005, p. 10), sublinha que para um vasto público, o vampiro é um sugador de sangue que se aproxima à noite de quem está dormindo e provoca-lhes morte lenta aspirando sua substância vital.

Qualquer que seja sua origem, o vampiro é um ser que tinha vida, morreu fisicamente e, então, se ergueu do caixão para andar na terra e assustar os vivos. De acordo com McNally e Florescu (1995, p.124), a ideia do vampirismo supõe o conceito oriental do eterno retorno, segundo o qual ninguém é realmente destruído, mas volta infinitas vezes em reencarnações. Sabe-se que os mortos-vivos são seres noturnos, e que o brilho do sol transforma-os em pedra e algumas vezes em pó. Tipicamente, estes seres são descritos como vestindo capas pretas, magros e pálidos, e, ainda, com habilidade de voar e transformar-se em animais, sendo o morcego o mais famoso. Eles habitam o caixão durante o dia e perambulam à noite. Não suportam igrejas e temem o alho. O propósito de suas andanças é buscar aquilo que mantém seu estado de morto-vivo: o sangue. Esse é o alimento do vampiro. O fluido essencial e único para a sua vida, que nutre sua imortalidade. Suas vítimas ficam anêmicas e extremamente fracas. Não resistem ao ataque e morrem, enquanto que eles, os vampiros,

continuam no estado de *õNosferatuö*. Os vampiros retiram as qualidades de vida e saúde do sangue dos humanos ou animais tornando-se, assim, extremamente fortes.

É somente durante o dia que aqueles que procuram destruir este ser das sombras podem fazer suas tentativas, pois o poder do vampiro existe somente durante a noite, desaparecendo ao amanhecer já nas primeiras cantigas dos galos. Quando o corpo de um vampiro é exumado, sua aparência é como se estivesse dormindo, apresentando apenas algumas modificações: o corpo parece ter engordado e inchado, os cabelos e as unhas crescidas, os lábios com manchas de sangue, olhos abertos, e as bochechas parecem até mais rosadas quando em vida.

O principal método de exterminar estas criaturas é por meio de uma estaca de madeira. Esta ferramenta deve ser cravada no coração. A cabeça deve ser cortada e colocada entre as pernas. Uma vez que um vampiro é *õmortoö*, o corpo se transforma imediatamente em pó, ou no estado de decomposição que deveria estar naturalmente por ocasião do período subsequente a sua *õprimeiraö* morte. Frequentemente, o corpo é também cremado para não deixar dúvidas de sua total destruição.

Como somente um vampiro pode criar outro vampiro, então a lógica nos leva a crer que a história dos vampiros começou com um simples vampiro que criou outros vampiros. Como o fato de quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha, resta saber como nasceu o primeiro vampiro, pois, se não existiu nenhum vampiro para fazer o primeiro vampiro, como o primeiro vampiro nasceu? Dunn-Mascetti na introdução da obra *Vampiros: além da saga Crepúsculo* (2010) relata que:

As origens dessas criaturas poderiam remontar ao antigo Egito, quando o culto e a veneração aos mortos eram representados de forma ritual em cerimônias nas quais os acólitos adoravam uma divindade semelhante a um pássaro preto. Esse pássaro sinistro representava o vôo da alma no momento da morte e sua viagem ao mundo das sombras. Os mortos que estavam *õvivosö* no mundo a que pertenciam, ocasionalmente voltavam e às vezes levavam os habitantes do mundo da luz para o desconhecido, roubando-lhes a vida.

Enquanto que Vlad Tepes, um príncipe do século XV conhecido como *õO Empaladorö*, parece ter inspirado o vampiro de Bram Stoker, as raízes do vampiro *õrealö* têm origens muito diferentes. Praticamente cada cultura tem sua história sobre vampiros. Entretanto, os relatos seguem um padrão consistente: alguma desgraça inexplicável se abateria sobre uma pessoa, uma família ou uma cidade; talvez uma seca destruísse toda a plantação ou surgisse uma epidemia. Antes que a ciência fosse capaz de explicar os

fenômenos meteorológicos e o surgimento de doenças e epidemias, os acontecimentos que não tinham uma explicação ou causas óbvias eram tratados como sendo obra do vampiro. A criatura era uma resposta fácil para a velha questão do por que coisas ruins acontecem às pessoas. Duas doenças não explicadas pela ciência na época do surgimento do vampirismo podem contribuir para nos ajudar a entender a origem desta crença.

Primeiramente, a Porfíria. Basicamente, a Porfíria faz parte de um grupo de distúrbios raros transmitidos hereditariamente, conhecidos como *õporfirinasö*. No caso da Porfíria uma importante parte da hemoglobina, a heme, não é produzida corretamente podendo causar: palidez extrema, lábios muito vermelhos, pele sensível ao sol, aumento da produção de pêlos, saliva e urina vermelha, dentes deformados, mau hálito, lábios contraídos, caninos expostos, crises oriundas da ingestão de alho, bebidas alcoólicas, entre outros sintomas.

A Catalepsia pode ser uma outra doença que o vampirismo tenha se inspirado. A Catalepsia é associada com a epilepsia e a esquizofrenia, distúrbios que afetam o sistema nervoso central. Uma pessoa que sofre de um ataque cataléptico pode ter seu corpo paralisado, a frequência cardíaca e a respiração praticamente inexistem. É possível que uma pessoa que esteja em uma situação de catalepsia seja dada como morta, especialmente porque o episódio da doença pode durar horas ou até mesmo dias. Assim, no passado, as pessoas com essa doença poderiam ter sido confundidas como cadáveres e serem enterradas ainda com vida. Após, essas pessoas poderiam emigrar do estado da doença e levantar dos seus túmulos. Esse comportamento, sem explicação científica na época, foi associado ao vampirismo.

Temos também várias crenças que explicam as causas de alguém se transformar em um vampiro após a morte. Entre as crenças existentes, lembramos algumas. A principal causa se refere a alguma irregularidade que acontece nos rituais do enterro e, por isso, a alma não recebe a permissão de descansar sendo obrigada a caminhar no mundo dos vivos até que seu corpo tenha um enterro apropriado ou de acordo com as leis da igreja. Indivíduos que foram excomungados ou que tenham morrido sem serem absolvidos de seus pecados, os que tenham cometido suicídio ou morrido por afogamento. Para aqueles que tiveram mortes violentas e é lhes negado um enterro apropriado, bem como, a aqueles que morreram por ação de um raio porque suas mortes eram atribuídas diretamente à ira de Deus. Aqueles que foram perversos em vida eram enterrados em solos não consagrados por serem suspeitos de feitiçaria. Os que morreram sob a maldição de uma bruxa. As crianças recém-nascidas filhos ilegítimos de segunda geração, as crianças não batizadas, o sétimo filho de uma família. Por fim, qualquer

um que tenha sido tocado pelo sangue de um vampiro, ou qualquer um morto por um vampiro vai se tornar um vampiro após seu enterro.

Existem também dois mitos parecidos que explicam a origem do vampiro. Eles provavelmente são variações de contos do mesmo folclore. O primeiro mito é a história de Lamia<sup>2</sup>, uma linda rainha que era amada por Zeus. Uma criança nasceu da união de Lamia e Zeus. Mas, Hera, sob o domínio da inveja e da ira, raptou a criança. Triste, Lamia foi viver nas profundezas do mar. O tempo passou, e Lamia voltou, perambulando pelas noites, roubando e comendo os bebês recém-nascidos. Gradualmente ela passou a seduzir homens jovens, e enquanto mantinha relações sexuais com eles, sugava o sangue deles até a morte. Lamia era capaz de mudar de uma forma bela a uma forma assustadora. A metade dragão era considerada um dos estágios de sua existência e/ou a transição entre uma linda mulher e uma serpente-dragão.

O segundo mito envolve Lilith, provavelmente a primeira mulher de Adão na Bíblia. Aguiar (2009) recorda que o legendário em torno da Bíblia fixou que Lilith seria uma primeira mulher de Adão, supostamente a mãe dos demônios ou dos falsos espíritos, uma espécie de vampira, devoradora de crianças e adolescentes, chupadora de sangue e uma das mulheres mais marcantes da literatura. Conta a mitologia que Lilith recusou a ser submissa a Adão, criando assas e fugindo dele. Os anjos encontraram o seu esconderijo e, por ter deixado Adão, recebeu a punição de que todas as crianças que ela gerasse morreriam. Com tristeza profunda, Lilith pensou em suicídio. Os anjos, com pena, deram a ela completo poder sobre os bebês na primeira semana de vida. Mais tarde Lilith se tornou esposa de Satanás, ele mesmo descrito como uma serpente.

Um importante fator que também contribuiu para a construção da figura do vampiro se refere ao grande medo primitivo da morte e tudo o que era conectado a ela. As crenças sobre o estado da morte variavam muito, e também aquelas relacionadas com a exata extensão da ligação entre a vida e a morte. Os primitivos Europeus acreditavam que o corpo de um morto tinha que ser enterrado. Para que a alma passasse para qualquer tipo de mundo astral depois da morte, o enterro era uma necessidade. O corpo carregava o espírito da terra, então o espírito não seria libertado até que este não fosse coberto por terra, culminando com a total desintegração. Chama atenção, também, uma crença universal Eslávica a qual contava que

---

<sup>2</sup> De acordo com Suenaga (2010), as lâmias (do grego *laimos*: garganta) da Grécia antiga, eram espécies de monstros ou demônios que tinham a aparência de cabeça de mulher, corpo de dragão e voz de serpente. Elas devoravam cadáveres em cemitérios e sugavam o sangue de crianças.

após a morte a alma pairava sobre a terra, flutuando perto do túmulo e visitando os lugares conhecidos em vida. Após quarenta dias, a alma tentava reentrar no corpo que estava enterrado e parcialmente decomposto pelo tempo. Entretanto, a alma é repelida pela decomposição, e, assim, deixa a terra para voltar para seu novo ambiente astral. Neste viés, o dever do homem era enterrar os corpos mortos para o descanso da alma e para salvar suas próprias vidas, caso contrário, as almas dos corpos que não foram enterrados assombrariam os vivos.

Os povos primitivos não viam a morte como a completa extinção da vida, ou a separação total dela. Eles acreditavam que o morto vivia em um mundo subterrâneo. No início pensava-se que esse mundo subterrâneo era a réplica exata do mundo dos vivos, crença reforçada pelo fato de que o sol parecia penetrar na terra quando anoitecia. Posteriormente, surgiu a concepção de que o mundo subterrâneo era escuro e aterrorizante. Parece ser a extensão do mundo subterrâneo que Ishtar [um dos deuses da religião mesopotâmica: deusa da chuva, da primavera e da fertilidade] entrou na procura de seu amor, Tammuz. Como esse é um mito antigo, as ideias dos Gregos e dos Romanos sobre o inferno podem ter sido desenvolvidas da ideia que a Mesopotâmia tinha sobre o inferno. Para os antigos romanos, a alma descansa com o corpo dentro do túmulo. De acordo com Lecouteux (2005, p. 59) objetos relativos à manutenção da vida eram colocados em volta do túmulo para sustentar a alma após a morte. A existência da alma depois da morte era muito enfatizada. Os Gregos também acreditavam na imortalidade da alma. Para eles, a alma residia com o corpo no túmulo.

Outro fator que se tornou parte do surgimento do vampiro diz respeito ao significado especial do sangue para a vida. As andanças noturnas dos vampiros eram especialmente para a procura de sangue. A obtenção dessa meta significava a renovação das capacidades corporais da vida humana, ampliando-as. Se alimentando do sangue dos vivos, o vampiro adquiria poder da palavra, força, resistência, potência sexual, e aparência de um corpo extremamente saudável. A vida do vampiro, de fato, vinha do sangue de suas vítimas, literalmente e figurativamente. Nota-se que a ideia de beber sangue para ser imortal não é estranha à mente humana. Indianos, gregos e cristãos fazem parte dessa concepção. O homem primitivo sentia que o sangue era a vida da pessoa. A prova empírica era o fato de que a perda de sangue em grande quantidade era sempre seguida de morte. Assim, a posse do sangue constituía a essência da vida. Levar sangue de uma pessoa para outra resultava na melhoria da sua própria vitalidade. Desde que o sangue era tão precioso para a vida, se pensava que ele tinha uma alma própria. Beber do sangue de outra pessoa era identificado como a remoção e a posse

da alma e, ainda, a crença de ter o corpo de alguém no seu próprio corpo significava obter mais vida.

Como exemplo, podemos citar a Condessa húngara Elizabeth Bathory [1560-1614], conhecida também como a Condessa de Sangueo, que devido a seus feitos foi considerada uma vampira. Ela acreditava que banhar-se em sangue e/ou talvez beber sangue, era o segredo de manter-se jovem e bela para sempre. Por causa dessa crença, ela torturou e matou centenas de jovens, a maioria mulheres. Ela foi condenada por seus crimes, sendo presa em um pequeno cômodo de um castelo até a sua morte.

A origem dos mitos eslavos sobre vampiros desenvolveram-se durante o século IX advindo de conflitos entre os pagãos e os cristãos. Os cristãos venceram os conflitos, mas algumas crenças pagãs, como a do vampiro, sobreviveram no folclore. A Romênia encontra-se geograficamente cercada por países Eslavos, então não é de admirar que seus vampiros sejam variantes dos vampiros Eslavos. Eles são chamados *Strigoi*, palavra baseada no termo romano *Strix* - aquele que pia como uma coruja -, mas que após foi expandida para a significação de demônio ou bruxa e ainda ao espírito maligno que atacava as crianças durante a noite. Os romenos também usavam o termo *vircolac* a variação do grego *vrykolakas* - para descrever uma velha criatura mitológica parecida com um lobo que devorava o sol e a lua.

O termo *vircolac* descrevia uma pessoa que periodicamente se transformava em diversos animais, geralmente num porco, cachorro ou lobo. *Nosferatu* é um termo arcaico do antigo eslavo derivado aparentemente de *nosofuratu*, do grego *nosophoros*, o portador de pragas, ou ainda, o aquele sem luz. Tem sido usado como uma palavra romena significando o Morto-vivo ou o Demônio. A palavra se popularizou com a contribuição de Friedrich Wilhelm Murnau no filme *Nosferatu* (1938), baseado na obra *Drácula* (1897) de Bram Stoker.

Na Romênia, acreditava-se que o vampiro aparecia primeiro e principalmente como um produto de nascimento irregular. As crianças nascidas fora do casamento ou que morressem antes de serem batizadas poderiam se tornar vampiras. Mulheres grávidas que não comessem sal ou que se permitissem ser vistas por um vampiro poderiam gerar uma criança vampira. O sétimo filho do mesmo sexo numa família tenderia a nascer com um rabo e se tornar um vampiro. Embora as crianças frutos de nascimentos irregulares fossem as principais candidatas ao vampirismo, qualquer pessoa poderia se tornar um vampiro se mordida por um deles. Outros vampiros em potencial incluíam pessoas que levavam uma vida pregressa

(incluindo as que juravam em falso), bruxas (que tivessem tido relações com o demônio), um cadáver sobre o qual um gato tivesse pulado ou uma pessoa que cometesse suicídio.

De acordo com Torriço (2009, p. 16) os vampiros têm um lugar de destaque na religiosidade cigana. Segundo o pesquisador, entre os ciganos havia a profissão de ôcaçador de Vampirosö (*Dhampir*), sendo o caçador ele próprio filho de um vampiro e ôque morava entre os ciganos e os eslavos do sulö (MELTON, 2003, p. 87). O Mulo (aquele que está morto) era a forma mais conhecida de vampiro cigano. Descrito como um morto-vivo que atacava durante a noite e voltava para a sepultura ao amanhecer, este vampiro foi acreditado por voltar do túmulo e fazer coisas maldosas, geralmente, para um parente que tinha contribuído para com sua morte; em vingança de não se ter observado as cerimônias de enterro e, até, por motivo de alguém ter guardado suas posses materiais ao invés de destruí-las como era o costume. Mesmo hoje em dia os ciganos são frequentemente lembrados em filmes e na literatura de ficção sobre vampiros.

O tipo mais moderno dessa criatura apareceu por volta do século XII na Europa Oriental, mas o *frenesi* apareceu em algum momento do século XVIII. Naquela época, um grande surto de vampiros na Europa Oriental chamou a atenção do público. O que seu viúvo foi uma grande caçada com intuito de exterminar os vampiros. Caçada organizada pela população e até por funcionários do governo. Os corpos das pessoas que eram suspeitas de serem vampiros eram desenterrados e decapitados ou uma estaca era fincada no coração. Também era costume enterrar a pessoa de cabeça para baixo para que, ao tentar escapar, ela cada vez mais mergulhasse nas profundezas do solo.

Estudiosos começaram a analisar seriamente a existência dos vampiros em razão um surto de ataques de vampiros na Prússia Oriental em 1721 e no império Húngaro-Austríaco de 1725 a 1734. Dois casos famosos chamaram a atenção: Peter Plogojowitz e Arnold Paole.

Relatos noticiam que Peter Plogojowitz morreu aos 62 anos, mas retornou algumas vezes após a morte para pedir comida a seu filho. Não tendo atendido ao pedido, ele foi encontrado morto no dia seguinte. Dias depois Peter Plogojowitz retornou e atacou a vizinhança, ocasionando a morte de muitos deles por perda de sangue. Quanto a Arnold Paole, conta-se que ele era um ex-soldado da Sérvia que se tornou fazendeiro e foi atacado por um vampiro anos antes de morrer. Após a sua morte, pessoas começaram a perder suas vidas inexplicavelmente e, como consequência, acreditava-se que Paole tinha retornado para caçar os seus vizinhos. Segundo Dunn-Mascetti (2010, p. 22) o caso de Paole foi tão grave que atraiu a atenção das autoridades. Estas solicitaram um relato da história que ficou



conhecido como *Visium Et Repertum* (Visto e Descoberto). Estes dois casos foram documentados em detalhes. Oficiais do Governo examinaram os casos e os corpos, escreveram relatórios, e, mais tarde, livros foram escritos e distribuídos pela Europa.

De acordo com Melton (2003, p. 10) provavelmente a palavra *vampire* ou *vampyre* tenha entrado pela primeira vez na língua inglesa quando a história foi publicada por dois periódicos ingleses, o *London Journal* e o *Gentleman's Magazine*, ambos em 1732. A história estimulou debates nos círculos intelectuais, principalmente na tentativa de descobrir maneiras racionais de explicar o fenômeno desses relatos sobre vampiros. As controvérsias sobre se os casos realmente aconteceram ou não, perduraram por muitas gerações. O problema foi evidenciado pela população rural que dizia estar sendo alvo de ataques de vampiros. Muitos estudiosos asseguraram que vampiros não existiam, atribuindo a razão dos acontecimentos a enterros prematuros, ou a doença denominada *õraivaõ*, cujo um dos sintomas é sede excessiva.

O vampirismo, como descrito acima, originou, provavelmente, dos medos, dos desejos, dos anseios e das crenças dos homens. O medo primitivo da morte, a busca por imortalidade, o desejo de controlar o meio ambiente, conceitos antropomórficos sobre a fertilidade da terra e a sua criação, seu animismo, sua concepção de universo e seu lugar nele, a gradual maturidade intelectual, são fatos que convergiram para desenhar a imagem do vampiro que temos hoje. Lecouteux sublinha que:

A espantosa unanimidade das reflexões, para além de todas as variantes, prova que o problema da vida e da morte é realmente fundamental, o que não é nada espantoso já que, em função das respostas apresentadas, o homem pode conhecer o desespero ou a esperança, encontrar um sentido para a sua existência ou conhecer o absurdo. (LECOUTEUX, 2005, p. 39).

O vampiro existe ou não? Ele certamente não pode ser estudado apenas como um fenômeno mitológico. O folclore sobre os õhábitosõ macabros dos vampiros pode ter advindo de fenômenos psicológicos ligados a ações de pessoas vivas em relação aos mortos como, por exemplo, a necrofilia (comer o morto), necrosadismo (sentir satisfação erótica através da mutilação de um cadáver) e, ainda, o desejo não natural por sangue. Devido ao pouco desenvolvimento da ciência médica na época em que os vampiros eram temidos, as pessoas em coma ou em estado de choque eram na maioria das vezes, enterradas vivas. Aquelas que conseguiam escapar das sepulturas eram temidas por terem retornado, sendo este fato considerado resultado da transformação em vampiro.

Qual seja a sua origem, o fato é que a crença da existência de vampiro ainda permanece na raça humana, assim como um medo infantil inexplicável pode permanecer em

um homem para o resto de sua vida. E embora os vampiros õoriginaisö há tempos já não existem, seu legado continua e eles continuam fascinando o mundo. Parece que nem a ciência e nem tampouco estacas de madeira conseguirãõ matarõ o vampiro para sempre.

A literatura, o cinema, o teatro e as artes em geral nos dão uma visão da sede do público por vampiros que parece ser infinita, assim como a sede dos vampiros por sangue. Escritores modernos de ficção, incluindo Stephanie Meyer, Anne Rice, Stephen King, André Vianco, e inúmeros outros, têm um folclore riquíssimo em que se basear.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Flávio. *Sob o olhar da crítica literária*. A Bíblia muito além da Fé. Entre Livros, ano I, n. 2, edição especial, p. 60-67, 2009.

ARGEL, Martha. NETO, Humberto Moura. (Org.). *O vampiro antes de Drácula*. São Paulo: Aleph, 2008.

BOURRE, Jean-Paul. *Os Vampiros*. Portugal: Euro - América, 1986.

DUNN-MASCETTI, Manuela. *Vampiros: além da saga Crepúsculo*. Tradução de Denise de C. Rocha Delela. São Paulo: Pensamento, 2010.

JÚNIOR, Pedro Augusto Moraes Simões. *O Eterno Retorno de Nosferatu*. 2009. Disponível em <http://migre.me/7tzgG>. Acesso em setembro de 2010

LECOUTEUX, Claude. *História dos Vampiros: autópsia de um mito*. São Paulo: UNESP, 2005.

MCNALLY T, Raymond. FLORESCU, Radu. *Em busca de Drácula e outros Vampiros*. Tradução: Luiz Carlos Lisboa. São Paulo: Mercuryo, 1995.

MELTON, J. Gordon. *O Livro dos Vampiros*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora LTDA, 2003.

MORAES, A.C. Marco. O Vampiro: Um retrato em mosaico. In: FERREIRA, Cid Vale (org.). *Voivode: Estudos Sobre os Vampiros*. Jundiaí, São Paulo: Pandemonium, 2002.

STOKER, Bram. *Drácula*. Tradução de Theobaldo de Souza. Porto Alegre: LPM, 2007.

SUENAGA, Claudio Tsuyoshi. *Vampiros: do gótico ao ufológico*. Revista Sexto Sentido. São Paulo, n. 50, jun. 2010.

TORRIGO, Marcos. *Vampiros: origens, lendas e mistérios*. São Paulo: Idéia e Ação, 2009.

Recebido em 31 de março de 2013.

Aceito em 7 de julho de 2013.